

1.

A leste do Tolly Club, depois de a Deshapran Sashmal Road bifurcar, há uma pequena mesquita. Uma curva leva até a um enclave sossegado. Um enxame de vielas estreitas e casas modestas de classe média.

Antigamente, neste enclave, havia dois lagos oblongos, um ao lado do outro. Atrás deles havia uma planície que se estendia por alguns hectares.

Após a monção, os lagos subiam ao ponto de não se conseguir ver o talude construído entre eles. A planície também era alagada pela chuva, um ou dois metros de água que se mantinham durante uma parte do ano.

A planície inundada estava repleta de jacintos-de-água. A alga flutuante crescia invasivamente. As suas folhas faziam a superfície parecer sólida. Verde em contraste com o azul do céu.

Pequenas barracas espalhavam-se à sua volta. Os pobres invadiam-na à procura de tudo o que fosse comestível. No outono chegavam as garças, com as suas penas brancas encardidas pela fuligem da cidade, esperando imóveis a sua presa.

No clima húmido de Calcutá, a evaporação era lenta. Mas o sol acabava por secar a maior parte da cheia, expondo novamente o terreno húmido.

Subhash e Udayan tinham atravessado tantas vezes a planície. Era um atalho para um campo nos arredores do seu bairro onde costumavam jogar futebol. Evitando poças, saltando sobre tapetes de folhas de jacinto que ainda se mantinham. Respirando o ar húmido.

Algumas criaturas punham ovos que conseguiam suportar a estação seca. Outras sobreviviam enterrando-se na lama, simulando a morte, esperando pelo regresso da chuva.

2.

Eles nunca tinham entrado no Tolly Club. Tal como a maioria das pessoas na vizinhança, já tinham passado centenas de vezes em frente do seu portão de madeira, dos seus muros de tijolo.

Até meados dos anos quarenta, atrás do muro, o pai deles costumava assistir às corridas de cavalos na pista. Assistia da rua, de pé entre os apostadores e outros espectadores que não podiam pagar bilhete ou entrar no clube. Mas após a Segunda Guerra Mundial, por volta da altura em que Subhash e Udayan nasceram, o muro foi alteado, para que o público já não pudesse espreitar.

Bismillah, um vizinho, trabalhava como *caddie* no clube. Era um muçulmano que ficara em Tollygunge após a Partilha. A troco de duas ou três moedas, vendia-lhes bolas de golfe que tivessem sido perdidas ou abandonadas no campo. Algumas tinham rasgões como se fossem golpes na pele de uma pessoa, revelando um interior de borracha cor-de-rosa.

Começaram por bater as bolas encovadas de um lado para o outro com paus. Depois, Bismillah vendeu-lhes também um *putter* com o cabo ligeiramente dobrado. Tinha sido estragado por um jogador frustrado, que o atirara contra uma árvore.

Bismillah mostrara-lhes como se deviam inclinar, onde deviam colocar as mãos. Determinando muito vagamente o objetivo do jogo, cavavam buracos no chão e tentavam empurrar as bolas lá para dentro. Embora fosse necessário um taco diferente para atirar a bola mais longe, usavam o *putter* na mesma. Mas o golfe não era como o futebol ou o críquete. Não era um desporto que os irmãos pudessem improvisar facilmente.

No chão do campo em que os rapazes jogavam, Bismillah desenhou um mapa do Tolly Club. Contou-lhes que junto da sede do clube havia

uma piscina, mesas, um campo de ténis. Restaurantes em que o chá era servido em bules de prata, salas especiais para bilhar e *bridge*. Gramofones a tocarem música. Empregados de bar com casacos brancos, que preparavam bebidas chamadas “pink lady” e “gin fizz”.

A gerência do clube construía recentemente mais muros para manter os intrusos afastados. Mas Bismillah explicou que ainda havia secções de arame farpado, no extremo oeste, em que se podia entrar.

Eles esperaram quase até ao crepúsculo, quando os jogadores abandonavam o campo para evitar os mosquitos e se refugiavam na sede do clube para beberem os seus *cocktails*. Guardaram segredo, não contando o seu plano aos outros rapazes da vizinhança. Foram até à bifurcação da mesquita, com os seus minaretes vermelhos e brancos destacando-se dos edifícios em volta. Viraram para a rua principal, levando o seu *putter* e duas latas de querosene vazias.

Atravessaram para o outro lado do estúdio de cinema. Dirigiram-se para os campos de arroz em que o Ganges já corra e que os ingleses já tinham percorrido de barco até ao delta.

O rio estava entretanto estagnado, ladeado por colónias de hindus que tinham fugido de Dhaka, de Rajshahi, de Chittagong para se virem estabelecer ali. Uma população deslocada que Calcutá acomodara mas ignorava. Desde a Partilha, há dez anos, tinham-se apoderado de zonas inteiras de Tollygunge, tal como a chuva da monção obscurecia a planície.

Alguns trabalhadores do governo tinham recebido casas no âmbito do programa de permutas. Mas muitos eram refugiados, chegando em vagas, privados da sua terra ancestral. Um fio rápido, depois uma inundação. Subhash e Udayan lembravam-se deles. Uma procissão sinistra, uma manada humana. Uma ou duas trouxas à cabeça, as crianças atadas ao peito dos pais.

Construíam abrigos de lona ou colmo, com paredes de bambu entrançado. Viviam sem saneamento, sem eletricidade. Em barracas junto de caixotes de lixo, em qualquer espaço disponível.

Eram a razão pela qual o Ganges, em cuja margem se erguia o Tolly Club, se transformara num canal de esgoto para o sudoeste de Calcutá. Eram a razão para os muros adicionais do clube.

Subhash e Udayan não encontraram nenhum arame farpado. Pararam num sítio em que o muro era suficientemente baixo para o transporem. Estavam de calções. Tinham os bolsos cheios de bolas de golfe. Bismillah dissera-lhes que iam encontrar mais dentro do clube, onde havia bolas espalhadas pelo chão, juntamente com as vagens que caíam dos tamarindeiros.

Udayan atirou o *putter* sobre o muro. Depois uma das latas de querosene. De pé sobre a outra lata, Subhash também conseguiria saltar o muro. Mas Udayan, nessa altura, tinha uns centímetros a menos.

Entrelaça os dedos, disse Udayan.

Subhash juntou as mãos. Sentiu o peso do pé do irmão, a sola gasta da sua sandália, depois o seu corpo todo, cedendo por um instante. Udayan subiu rapidamente. Sentou-se no muro.

Queres que fique de guarda deste lado, enquanto exploras? perguntou Subhash.

Qual era a piada?

O que é que vês?

Vem ver por ti próprio.

Subhash aproximou a lata de querosene do muro. Subiu para ela, sentindo a estrutura oca a estremecer debaixo de si.

Vamos, Subhash.

Udayan mudou de posição, descendo até só se verem as pontas dos seus dedos. Depois soltou as mãos e deixou-se cair. Subhash conseguia ouvi-lo a arfar com o esforço.

Estás bem?

Claro. Agora tu.

Subhash agarrou-se à parede, abraçando-a contra si e arranhando os joelhos. Como sempre, não sabia se se sentia mais frustrado pela coragem de Udayan ou pela sua própria falta dela. Subhash tinha treze anos, quinze meses mais do que o irmão. Mas não tinha identidade própria sem Udayan. Desde as suas primeiras memórias que o irmão estava sempre presente.

E de repente já não estavam em Tollygunge. Continuavam a ouvir o trânsito na rua mas já não o conseguiam ver. Estavam cercados por enormes abricós-de-macaco e eucaliptos, calistemos e frangipânis.

Subhash nunca vira relva assim, tão uniforme como um tapete desenrolado sobre os contornos inclinados da terra. Ondulando à semelhança das dunas de um deserto, ou das vagas suaves do mar. Fora aparada tão delicadamente no campo de golfe que parecia musgo quando lhe tocou. O terreno mais abaixo era macio como pele, e a relva ganhava aí um tom mais claro.

Nunca vira tantas garças no mesmo sítio, esvoaçando assim que se aproximou mais. As árvores lançavam as suas sombras da tarde sobre os relvados. Os seus ramos suaves separavam-se quando ele erguia os olhos, como as partes proibidas do corpo de uma mulher.

Sentiam-se ambos estonteados com a emoção de estarem a invadir o clube, com o medo de serem apanhados. Mas nenhum polícia a pé ou a cavalo, nenhum guarda os viu. Não apareceu ninguém para os expulsar.

Começaram a descontraír, descobrindo uma série de bandeiras espalhadas pelo campo. Os buracos pareciam umbigos na terra, com pequenas taças lá dentro que indicavam onde é que as bolas de golfe deviam entrar. Havia poços de areia pouco profundos dispersos aqui e ali. Pequenos lagos de formas estranhas, como gotículas vistas ao microscópio.

Mantiveram-se afastados da entrada principal, não se aventurando em direção à sede do clube, onde casais estrangeiros passeavam de braço dado ou se sentavam em cadeiras de vime sob as árvores. De vez em quando, contara Bismillah, havia uma festa de anos para algum filho de uma família inglesa ainda a viver na Índia, com direito a gelado e passeios de pônei, um bolo com velas acesas. Embora Nehru fosse primeiro-ministro, era o retrato da nova rainha de Inglaterra, Isabel II, que presidia ao salão principal.

No seu recanto esquecido, na companhia de um búfalo de água que se perdera, Udayan pôs-se a jogar energeticamente. Erguendo os braços acima da cabeça, adotando poses, brandindo o *putter* como uma espada. Estragou a relva impecável, perdendo duas ou três bolas de golfe num dos lagos. Foram à procura de substitutas entre as árvores.

Subhash era o vigia, sempre atento à aproximação de cascos de cavalo nos largos caminhos de terra vermelha. Ouviu as pancadas de um pica-pau. O som vago de uma foíce enquanto uma porção de relva era aparada à mão noutra zona do clube.

Grupos de chacais sentavam-se direitos em matilhas, com a sua pelagem amarelada com manchas cinzentas. À medida que a luz diminuía, alguns começaram a procurar comida, as silhuetas recortando-se em fila. Os seus uivos desconsolados, que ecoavam por todo o clube, avistaram os irmãos de que já era tarde, horas de regressarem a casa.

Deixaram lá as duas de latas de querosene, a de fora a marcar o sítio. Asseguraram-se de que a outra ficava escondida dentro do clube, atrás de algum arbusto.

Nas visitas seguintes, Subhash apanhou penas e amêndoas. Viu abutres a tomarem banho nos lagos, esticando depois as suas asas para secarem.

Uma vez encontrou um ovo que caíra, intacto, de um ninho. Levou-o cuidadosamente para casa, onde o colocou numa caixa de terracota de uma loja de doces, cobrindo-o de pequenos galhos. Quando o ovo não chocou, enterrou-o no jardim atrás da sua casa, junto a uma árvore.